

Alfabeto e pés de couve

Josefina dos Santos, 35 anos, e José Trindade Bispo, 56, têm onze filhos, três dos quais estudam desde o início do ano na Escola Rolf Weinberg. Os dois se sentem orgulhosos de ver seus filhos, com idades que variam dos oito aos 10 anos lhes ensinando atividades que nunca tiveram a oportunidade de aprender. “É bom demais, dona. E eles estão tão contentes”, diz uma orgulhosa Josefina.

A família mora a cerca de 15 quilômetros da escola, em um terreno comprado por Bispo, mas no qual nunca conseguiram plantar nada. Para a subsistência de todas essas pessoas, a alternativa foi produzir carvão — um trabalho que conta com mão-de-obra de todos os filhos maiores de seis anos. José Cláudio, Cremildo e Cleide, no entanto, já começaram a introduzir seus ensinamentos nos hábitos familiares e em uma pequena horta plantada por eles já há pés de couve, cenentro, alface e cenoura.

Para freqüentar a escola rural local, as crianças tinham que andar “uma légua” (seis quilômetros), como informa Bispo. Na Rolf, os professores vão pegá-los e levá-los em casa com carros da fundação a cada início e final de período. “A gente não gasta com nada e eles ainda *traz* semente *pra* plantar na horta”, conta Bispo.

Embora o esquema na escola pareça rígido demais, com as crianças andando sempre em fila, elas não reclamam. “Em casa eu trabalho na roça o dia todo e aqui é só um servicinho”, conta Bruno Mendes de Araújo, oito anos. E,

além disso, quando volta para casa pode ensinar à avó e às *amiguinhas*. “Aqueles, sabe, do a, e, i, o, u”, explica Bruno, um aluno de primeiro ano, impaciente com a ignorância da repórter.

O problema é que nos dois meses que passa em casa, Bruno não pode levar, por exemplo, sua escova de dentes. A diretora da Rolf, Rosanete Fernandes, diz que isso serve para forçar as crianças, com hábitos novos, a cobrarem de seus pais uma mudança também em seus hábitos — uma explicação questionável.

Mesmo assim — e apesar de alguns castigos recebidos, como o de deixar de receber a merenda quando se comportam mal — os mais velhos também não se queixam. José Aldo Soares, 14 anos e cursando a quarta série, compara a atual escola com a outra, pública, em que estudou antes de entrar na Tina Carvalho. “Aqui eu aprendi um monte de coisas que lá eles não ensinavam”, diz o menino que, apesar de conhecer Salvador, prefere continuar morando no campo.

Aldo não sabe ainda o que vai fazer quando voltar para casa no final do ano, ao término do curso, mas, se puder, garante que vai continuar estudando e já escolheu até uma profissão para seguir: motorista. Enquanto isso, continua cultivando, junto com a avó, sua horta que, nesses quatro anos, desde que entrou na escola, já cresceu muito. “A gente agora come um monte de coisa que antes não comia”, ressalta. (M.L.S.)